

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**LUIZ FELIPE PEREIRA NUNES**

**BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO ESPAÇO DE DISCUSSÃO EM GÊNERO E  
SEXUALIDADES: público trans na Biblioteca Central da Universidade Federal de  
Goiás**

**GOIÂNIA  
2016**

LUIZ FELIPE PEREIRA NUNES

**BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO ESPAÇO DE DISCUSSÃO EM GÊNERO E SEXUALIDADES:** público trans na Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás.

Monografia apresentada à Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

**Orientadora:** Elisângela Gomes

GOIÂNIA  
2016

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

N972b      Nunes, Luiz Felipe Pereira.  
              Biblioteca universitária como espaço em discussão de gênero e sexualidades : público trans na Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás [manuscrito] / Luiz Felipe Pereira Nunes. – Goiânia : Universidade Federal de Goiás, 2016.  
              52 fls. ; 29 cm.

              Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação, Goiânia, GO, 2016. Orientadora: Elisângela Gomes.

              1. Biblioteconomia. 2. Biblioteca Universitária. I. Gomes, Elisângela.  
              II. Título.

---

CDU 021: 305

**LUIZ FELIPE PEREIRA NUNES**

**BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO ESPAÇO DE DISCUSSÃO EM GÊNERO E SEXUALIDADES:** público trans na Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás.

Monografia apresentada junto ao Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia. Aprovada em / / pela banca examinadora composta pelos profissionais:

---

Prof<sup>a</sup>. Elisângela Gomes  
Orientadora

---

Prof. Dra. Angelita Pereira de Lima  
Membro da Banca

Dedico a Janete Vicente, mãe e guerreira, gentil, realeza.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Janete Vicente e ao Manoel Pereira, por serem pais incríveis. Agradeço ao Johny Oliveira por ser tão incrível, Agradeço a minhas irmãs, aos meus amigos Edson, Brendow, Daniel, Thays, Natascha. Agradeço a deus, agradeço minha orientadora Elisângela, Agradeço Beth Fernandes pelo trabalho, Agradeço à Biblioteca da UFG, Agradeço à UFG pelos momentos que passei.

“A flor que desabrocha na adversidade é a mais bela  
e rara de todas”  
Disney, Mulan.

## RESUMO

Compreender o papel social da biblioteca universitária como proponente de discussões de gênero e sexualidades com recorte de público trans. Este trabalho se mostra necessário a partir do fato de que a biblioteca universitária tem como dever ser um espaço para a propagação de cultura e do desenvolvimento do pensamento crítico. Sendo assim ao partir da ausência de ações culturais para o público trans na biblioteca, este trabalho propôs através de pesquisa ação a realização de uma exposição fotográfica e roda de conversa para debater a importância da biblioteca universitária como agente de formação e transformação cidadã. Este estudo teve abordagem qualitativa. Foram coletadas informações a partir de questionários realizadas na proposta de ação cultural com estudantes da Universidade Federal de Goiás, cisgênero e Transgênero. Este trabalho demonstra que a biblioteca universitária é um espaço para se trabalhar gênero e sexualidades.

**Palavras-chave:** Biblioteconomia. Gênero e sexualidades. Biblioteca Universitária.

## **ABSTRACT**

Search know for the social paper from university library, as a proponent of discussions of gender and sexualities with a selection of Trans public. This work is necessary for the propagation of a culture and development of critical thinking. Being thus from the absence of the cultural actions for the Trans public in library, this work proposed of action research an of a photograph exhibition and talk round to discuss the importance of University library as agent of citizen training and transformation. This study took a qualitative approach. Information collected from questionnaires carried out in the cultural action proposal whit the UFG cisgender and transgender participants. This work confirms that the university library is a space to work on gender and sexuality.

**Keywords:** Librarianship. Gender and sexuality. University Library.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Justificativa.....</b>	<b>14</b>
<b>1.2 Objetivos .....</b>	<b>15</b>
1.2.1 Objetivo geral.....	15
1.2.2 Objetivos específicos.....	15
<b>2 AÇÃO CULTURAL .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 Ação cultural e biblioteca.....</b>	<b>17</b>
<b>3. BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA.....</b>	<b>19</b>
<b>3.1 Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás .....</b>	<b>23</b>
<b>3.2 Papel social da biblioteca universitária .....</b>	<b>25</b>
<b>3.3. Profissionais bibliotecárias (os).....</b>	<b>25</b>
<b>4 GÊNERO E SEXUALIDADE .....</b>	<b>28</b>
4.1 Biblioteca e diversidade .....	32
4.2 Nascimento das discussões de gênero .....	35
4.3 Gênero e sexualidades na UFG.....	36
<b>5 METODOLOGIA .....</b>	<b>37</b>
5.1 Abordagem e tipo de pesquisa .....	37
5.2 Sujeito do estudo .....	37
5.3 Instrumento de coleta .....	38
5.4 Procedimento de coleta e análise de dados .....	38

5.5 Limitações.....	49
<b>6. ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>40</b>
6.1 O perfil do público.....	40
6.2 Discussões de gênero e sexualidades.....	41
6.3 Quanto ao papel da (o) profissional bibliotecária (o).....	42
6.4 Ações sobre gênero e sexualidades na UFG.....	42
6.5 A importância de se discutir gênero e sexualidades.....	43
6.6 Formas de abordar a temática na biblioteca.....	44
6.7 Disseminação da temática na universidade.....	46
6.8 Conclusão da análise de dados.....	47
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>
<b>8. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO .....</b>	<b>50</b>
<b>9. APENDICE.....</b>	<b>54</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma pesquisa-ação, com proposta realizada na Biblioteca Central (BC) da Universidade Federal de Goiás (UFG), buscando responder o questionamento: A biblioteca universitária é um espaço para se discutir gênero e sexualidade com foco no público trans? Este questionamento surgiu a partir da busca por uma biblioteca universitária mais inclusiva. Acreditamos que temáticas como gênero e sexualidades precisam ser discutidas dentro da biblioteca, para auxiliar na luta contra o machismo, homofobia e transfobia presentes na sociedade trazendo a visão de uma biblioteca social, ou seja, uma unidade que trabalhe visando atender e representar seu público.

Buscou-se na literatura e no questionário aplicado durante a ação, possíveis respostas para este questionamento, assim como objetivos específicos tais como: Identificar se há ações propostas em relatos por bibliotecas universitárias encontradas na base de dados Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da UFG, analisar as ações culturais desenvolvidas pela BC da UFG, averiguar a existência de ações com a temática de gênero e sexualidades na biblioteca.

A Biblioteca universitária tem o papel de auxiliar a comunidade estudantil em seus projetos de ensino, pesquisa e extensão promovendo o conhecimento, porém, esta não é a única função da biblioteca. Esta deve promover acesso à cultura e pensamento crítico assim como incentivar o conhecimento e o respeito. Como não foram encontrados trabalhos sobre biblioteca universitária e gênero e sexualidades na BDTD, é perceptível que o curso de biblioteconomia não promove a discussão assim como não produz materiais sobre esta temática, como resultado desta posição, um fazer biblioteconômico que não contempla o público trans através de seus serviços prestados e de seu acervo.

Nas bibliotecas universitárias, a construção de seu acervo se dá à partir das ementas das disciplinas curriculares, automaticamente segregando um público que está fora da academia.

Na propositura de ações culturais, a partir da pesquisa de documentos internos da BC UFG referentes às atividades culturais feitas previamente ao mês de Novembro (09/11), podemos perceber a ausência de ações que incluam discussões

sobre as questões de gênero e sexualidades abrindo assim o questionamento sobre o papel da biblioteca e para quem as ações são feitas.

A partir dessa constatação, este trabalho propôs a realização de uma mesa redonda para discutir gênero e sexualidades com foco na discussão sobre a presença do público trans na UFG e o papel social da biblioteca universitária como mediadora dessa relação a partir da informação. Durante a ação também realizou-se uma exposição de fotos de pessoas trans.

A produção de atividades que precisam refletir a identidade das usuárias (os). Tal como a singularidade do público que frequenta a biblioteca na tentativa de compreender seu contexto, e dessa forma suprir suas necessidades informacionais. A biblioteca necessita passar de um espaço que apenas recebe e guarda materiais para um espaço de produção e interação social e cultural para assim efetivar sua função como agente cultural.

Para isto a (o) bibliotecária (o) precisa refletir e pensar nas possibilidades que contemplem o público dentro dos limites da instituição, para inserir a pluralidade em seu acervo e em meio a suas ações e potenciais.

Assim construir uma ponte entre as suas (seus) usuárias (os) reais, ou seja, aqueles que frequentam a unidade de informação de uma universidade, possibilitando também a inclusão de usuários potenciais, aqueles que podem vir a frequentar a unidade. Existem várias pessoas com suas especificidades e dentre essas pessoas existem estudantes que pertencem às minorias sociais, que tem uma carga histórica de lutas e conquistas sendo assim justifica a importância de se representar estas pessoas que ainda estão em processo de construção dentro de uma sociedade que oprime e diminui o diferente e glorifica um padrão inalcançável sendo que a maioria não almeja alcançar esse padrão, mas sim, ser respeitada nas suas diferenças pela maioria.

A biblioteca pode ser uma chave importante na construção dessas identidades e na permanência dessas pessoas no nível superior de ensino auxiliando na representação e na diminuição do preconceito utilizando de ferramentas como ações culturais, palestras, informações, mesas redondas, rodas de conversa. Para isso acontecer, é de grande importância a persistência da (o)

bibliotecária (o) em lutar para exercer sua função baseada na equidade das relações sociais que permeiam o ambiente da biblioteca.

### **1.1 Justificativa**

Este trabalho traz à tona o papel social da biblioteca e da atuação da (o) profissional bibliotecária (o) na promoção de uma ação cultural na BC da UFG em biblioteca universitária, que contemple o público trans e que torne a unidade um espaço de construção social.

Um dos papéis sociais da biblioteca é estimular a germinação de ideias e ações para a produção de um conhecimento que reflitam a sociedade e sua evolução. Sendo assim, a (o) profissional atuante nessa unidade deve promover ações democráticas garantindo a representação do público que atende.

Dessa forma, este trabalho propôs construir uma ação cultural, a fim de contemplar o público trans, travesti e transexual que frequenta a biblioteca central da Universidade Federal de Goiás e estimular novos frequentadores através dessa ação trazendo representação aos frequentadores.

A BC vem produzindo ações culturais, entretanto, são ações que envolvem diretamente a área acadêmica, histórica como: exposição de fotos da história da biblioteca, exposição de roupas com material reciclado e exposições de artefatos arqueológicos. Dentro da Biblioteca Central da UFG as exposições são utilizadas mais como uma forma de entretenimento e incentivo à utilização da unidade, entretanto não busca um enfoque na produção de cultura para públicos minoritários, ou seja aqueles que fogem de um padrão binário, homem, branco, hetero classe média.

Este trabalho produziu um evento no qual consistiu em uma roda de conversa com estudantes, funcionários e pesquisadoras da área a fim de discutir a presença do público trans na universidade e o papel que a biblioteca deve exercer para modificar as estruturas que ainda estão galgadas na heteronormatividade, além de uma exposição de fotos com a proposta de mostrar pessoas trans através de imagens que se dissociam do estereótipo da promiscuidade estigmatizado socialmente, mostrando pessoas trans em momentos de descontração.

Essa ação propõe ampliar a frequência de pessoas trans da biblioteca e melhorar a sociabilidade por parte dos estudantes não trans com os que se

identificam como trans ou travestis, abrindo portas para mais ações afirmativas e inclusivas reduzindo o preconceito dentro da universidade.

## 1.2 Objetivos

Os objetivos deste trabalho são divididos em: Objetivo geral e objetivos específicos.

### 1.2.1 objetivo geral

O Objetivo geral é compreender se a biblioteca universitária pode ser um espaço para discussão de gênero e sexualidades.

### 1.2.2 objetivo específico

Dentre os objetivos específicos estão:

a) Identificar as ações propostas por bibliotecas universitárias encontradas na base de dados Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

b) Analisar as ações culturais desenvolvidas pela Biblioteca Central (BC) da UFG. c) Averiguar se há existência de ações com a temática de gênero e sexualidades na biblioteca.

d) Propor e elaborar uma ação cultural que discuta gênero e sexualidades.

e) Produzir um questionário para captação de dados de estudantes acerca da ação cultural feita sobre gênero e sexualidades.

## 2. AÇÃO CULTURAL

Para discutir sobre ação cultural, é necessário falar de cultura, a mesma pode ser um reflexo de um povo, de uma raça ou de uma comunidade. Cultura é algo que é classificado a partir de um grupo, o que significa que a mesma deve ser compartilhada para uma ou mais de uma pessoa para justificar sua existência. Cultura deve se difundir levando suas características e suas histórias, ela pode ser inconstante ou constante, mas a cima de tudo ela precisa ser passada, para que a mesma permaneça independente do tempo. Para Favero (1983) cultura é ligado a aquilo que o homem acrescenta à natureza, seja instrumentos, linguagem, ciência ou a vida em sociedade.

Ou seja, na visão de Favero (1983), a cultura é ligada diretamente à relação entre o homem e a natureza, ligado diretamente à sociedade, pois, a mesma cria a cultura.

Ação cultural é um processo que sai dos limites do papel e é posto em prática para assim, dinamizar e propagar a cultura. Para Coelho (1989, p. 10,11) ação cultural é “[...] uma área específica de trabalho, ensino e pesquisa que começou a constituir-se num conjunto de conhecimentos e técnicas com o objetivo de administrar o processo cultural que vinha surgindo”. Seguindo a visão de Coelho (1989), podemos entender ação cultural como um tríplice: cultura, administração e liberdade. Uma vez que para se construir uma ação cultural há uma necessidade de representar uma cultura. Ação cultural é um trabalho livre, podendo ou não gerar um produto final. As ações culturais surgem a partir de um contexto, nas quais começaram a ser idealizadas. Coelho (1989) sintetiza o histórico das ações apresentando a ideia de uma cultura ligada a uma ação, uma que tenha um objetivo, porém, apenas no final da década de 70 que se foram criados centros de cultura, dando assim um enfoque na ideia de ação cultural. Ou seja, a ideia, foi relativamente nova, pois era comum pensar de uma forma separada, entretanto construir a ideia de uma ação cultural levou tempo.

Não devem se confundir ação cultural com fabricação, por mais que ambas sejam próximas, elas detêm um caráter final bastante diferenciado, como foi descrito, ação cultural não tem um objetivo final, ela é livre de amarras e mantém seu estado, de si para si. Coelho (1989) nos diz que, a fabricação cultural o sujeito produz um objeto enquanto na ação o enfoque é no processo. A construção de um processo cultural deve ser pensada inteiramente de sua base, ou seja, a população que irá usufruir desta ação, Coelho (1989) preocupava-se com o tipo de cultura que estava sendo multiplicada, cultura essa que provinha das pessoas que detinham maior poder aquisitivo dentro das metrópoles, pessoas que não se preocupavam em como esta cultura chegaria à população uma vez que esta cultura era produzida para uma sociedade que poderia consumi-la com facilidade, uma elite.

Atualmente, as pessoas que detêm o poder aquisitivo disponibilizam cultura para a sociedade, criando uma espécie de monopólio cultural, ditando o que é cultura e o que deve chegar a população. Entretanto se comparado com o período cronológico em que a pesquisa de Coelho (1989) foi feita, atualmente, há um grande avanço em relação às produções culturais independentes, a tecnologia pode ser

observada como um fator. Já se é possível produzir um filme, por exemplo, com baixíssimo orçamento ou ações de impacto local com uma exposição de fotos. A internet de certa forma democratizou a cultura, pois existem inúmeras plataformas de compartilhamento e interação onde pessoas e comunidades podem disponibilizar conteúdo da sua cultura local participam do processo de democratizam a cultura. Segundo Coelho (1989):

através do agente cultural a arte se porá em contato com o indivíduo ou a comunidade tanto quanto o artista penetrará na comunidade (e o inverso, de modo particular) assim como a comunidade alcançará os recursos necessários para uma certa prática cultural.

Logo, podemos ver que o agente cultural, serve como um estopim para a ação acontecer, ele é quem coordena a ação em seu início e mantém estável proporcionando assim a criação, e de certa forma a manutenção da ação cultural ele é editor de sua ação.

E uma das possibilidades para ser um agente cultural, assim a (o) profissional da informação pode além de produzir ações, criar contexto e sentido para as ações de uma forma reflexiva dando a oportunidade de suas (seus) usuárias (os) pensar sobre a situação da sociedade em questões como gênero e sexualidades.

## **2.1 Ação cultural e biblioteca**

Seguindo a ideia de Jorente, Silva e Pimenta (2015) cultura se caracteriza como relacionamentos entre indivíduos e conhecimento derivado de suas interações que acontecem a partir dos ambientes. Logo pode se pensar que cultura está proporcionalmente ligada a interação e espaço social. Enquanto para Coelho (2001) cultura é o que move o indivíduo, sobrepondo o dia a dia da sociedade atual. Sendo assim a cultura é indispensável para o desenvolvimento humano, uma forma de modificar a rotina do dia a dia social. Pode-se pensar que a biblioteca se torne um espaço de cultura, não apenas por seu acervo que deve registrar os aspectos culturais de povos, mas, também por ser um ambiente de interação entre as (os) frequentadoras (os), um local feito para trocas de ideias, construção de conhecimento e de laços.

Tornar a biblioteca parte do cotidiano cultural da sociedade é uma das necessidades que podem ser vislumbradas por bibliotecárias (os) em seu fazer. A dificuldade de trazer o leitor a unidade e produzir sobre a mesma uma imagem positivista de forma que os leitores queiram se integrar a biblioteca, ler, fazer empréstimos, participar das ações, dentre outros serviços prestados pela unidade.

Dessa forma algumas questões podem ser pensadas: Como trazer as (os) leitoras (es) até a biblioteca? Que tipos de ações devem ser abordados na unidade para que participem de forma mais ativa da unidade? A biblioteca existe a partir da necessidade do leitor, se não há leitor não há necessidade uma vez que a biblioteca não existe mais apegada a uma visão custodial de guarda e preservação, mas sim para a difusão da informação e reflexão de um pensamento crítico. Para esse tipo de questionamento algumas unidades vêm buscando soluções no âmbito das ações culturais. Cabral (1999) nos diz que a ação cultural é um campo de atuação que oferece inúmeras opções de atividades a serem desenvolvidas nas bibliotecas, tanto no âmbito institucional quando na sociedade como exposições de fotos, mesas redondas e palestras.

Seguindo a ideia de Cabral pode-se compreender a força e a importância dessas ações nas bibliotecas, pois com isso, a biblioteca atrairia um público e incentivaria o fluxo de frequentadores e conseqüentemente traria uma face mais cultural, que necessita ser mais frequente dentro do campo da biblioteconomia e ciência da informação.

A ação cultural vem se tornando uma das melhores opções para as bibliotecas para chamar seu público alvo, isso independe do tipo de biblioteca, vários tipos de ações têm sido utilizadas, ações culturais como: Exposições, sejam elas de fotos ou de multimeios, oficinas, apresentações artísticas e outros. Entretanto devido aos diversos tipos de pessoas que frequentam bibliotecas a abordagem sobre a ação cultural deve diferenciar-se. Não é adequado utilizar, por exemplo, a mesma abordagem de uma biblioteca infantil para uma biblioteca universitária, uma vez que fatores como a faixa etária, gostos pessoas e bagagem para interpretação das ações interferem diretamente no entendimento e no sentido de pertencimento de quem participa da ação. Na biblioteca universitária existe a necessidade de uma abordagem que reflita o público, seja um público real ou um público ideal, ações que representem a instituição e principalmente as (os) usuárias (os) que tragam sentido a comunidade universitária e busquem uma reflexão acerca de temas inerentes a

sociedade como discussões de gênero sexualidades, relações étnico-raciais advindas da diversidade cultural.

A biblioteca universitária precisa lembrar que a intensão custodial na qual ela foi criada não se aplica mais, ela agora é um organismo vivo que cresce e que precisa acompanhar as evoluções da sociedade, sobretudo a biblioteca universitária que tem um público extenso.

### 3. BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

A biblioteca surge a partir da necessidade de se guardar conhecimento, e evolui a partir de surgimentos de outras necessidades, tais como preservar e disseminar a informação que implicam a sua mudança, assim como as paredes do labirinto de Dédalo da mitologia grega, um labirinto que se cria e deve se moldar de acordo com a necessidade do seu público. Segundo o manifesto da Unesco (1994):

A liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Só serão atingidos quando os cidadãos estiverem na posse da informação que lhes permita exercer os seus direitos democráticos e ter um papel activo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória, como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação. (1994, p. 1)

A Unesco apresenta a importância da biblioteca na sociedade. Principalmente seguindo um viés de unidade disseminadora de informação, e que, com acesso à informação as pessoas possam exercer os seus direitos enquanto cidadãos e de forma democrática e assim participarem de forma mais efetiva e ativa das decisões sociais, basicamente compreender seus direitos e deveres dentro da sociedade em que está inserida, tornando de certa forma, mais justa a convivência. Para se pensar em biblioteca é necessária uma compreensão de sua história e a carga que sua terminologia abrange.

Segundo Fragoso (1996) Biblioteca, vem do grego *biblion* que quer dizer livro e *teka* que quer dizer casa. Ligando se as palavras, pode se dizer que a biblioteca seria uma casa de livros, nos dando uma ideia de guarda e manutenção. A biblioteca mais antiga que se tem conhecimento segundo Fragoso (1996) pertencia ao rei Assurbanipal, há sete séculos antes de cristo e seu acervo era formado por 22.000

tábuas de argila. Revelando que desde os primórdios já se pensava na importância de se manter informações resguardadas para o futuro, e que informação era um modo de demonstrar poder uma vez que a biblioteca pertencia a ninguém menos que o próprio rei, a carga que era depositada para a biblioteca se aplicava de forma perfeita a sua terminologia, a casa de livros, o local para se guardar o conhecimento. As bibliotecas marcam séculos de existência, segundo May (2004) por volta de 30 A.C a grandiosa biblioteca de Alexandria era “fechada”. Logo, é nítida a construção de uma evolução cronológica sobre as bibliotecas, a biblioteca de Alexandre foi uma biblioteca que abrangia a diversas áreas do conhecimento, muito próxima com a ideia de uma biblioteca universitária, entretanto ainda assim as bibliotecas eram espaços de poucos, May (2004) cita alguns dos grandes colaboradores da biblioteca:

Estudiosos, sábios, artistas encaminhavam-se para lá, ou lá estudavam. Inúmeros avanços do conhecimento se deram naquele “centro de excelência”, em gramática, matemática, astronomia, geometria, mecânica e medicina. Citam-se, entre os grandes nomes que lá estiveram e auxiliaram no desenvolvimento da biblioteca: Eratóstenes, Aristarco, Hiparco de Bitínia, Euclides, Apolônio, Arquimedes, Heron, Herófilo, Erístrato e Hipácia mulher sábia, astrônoma e matemática, cujo assassinato em 415 d.C. marca o fim da era científica de Alexandria, na Antigüidade. (MAY, 2004. p. 71.)

Como é de se perceber apenas uma mulher é citada, uma astrônoma e matemática, neste período o registro de mulheres em cargos altos é escasso e as discussões sobre gênero e sexualidades e relações étnico-raciais são poucos.

Avançando no tempo, segundo Santos (2010) pouco se pode afirmar sobre a existência de livros e bibliotecas no Brasil na metade do século XVI, é provável que a demanda de livros era quase inexistente, e que aqueles poucos eram essenciais para padres e magistrados, assim como capital para aquisição de livros, afinal o grande desenvolvimento em educação no Brasil foi exposto muitos anos depois e também devido ao alto custo para a produção do material na época. Ainda segundo Santos (2010), o surgimento de livros, instituições de ensino e bibliotecas começam a surgir em 1549, devido a instalação do Governo Geral em Salvador na Bahia.

Nessa época a igreja ainda detinha o poder sobre o conhecimento e sobre os livros. Santos (2010) nos diz que a história das bibliotecas no Brasil, podem ser divididas em três etapas até o início do século XIX, iniciando com as bibliotecas nos conventos e particulares, passa-se então para a fundação da Biblioteca Nacional e por fim chega a criação da biblioteca pública da Bahia. Os livros eram difíceis de transitarem entre os países, Portugal e Brasil, apenas o que era aceito pela

Inquisição poderia ser lido e importado. A igreja mantinha o *Index Librorum Prohibitorum*, que se resume em um índice em que a igreja publicava os livros nos quais eram proibidos pela igreja católica, por serem imorais ou tratarem de temas que eram escandalosos, isso observando pelo olhar da “moral” e os “bons costumes” da época, atualmente o *Index Librorum Prohibitorum* permanece com atualizações porém as bibliotecas não tem mais a obrigação de manter seu acervo planejado pelo mesmo, tendo direito a diversificar parte de sua função sobretudo a aquisição.

As funções que a biblioteca da época em que o *Index Librorum Prohibitorum* era lei, comparadas com as funções atuais foram em parte alteradas, evoluindo devido às necessidades sociais e culturais das (os) usuárias (os).

Segundo Nunes e Carvalho (2016) as bibliotecas foram incorporadas às universidades que, eram ligadas a instituições religiosas, mantinham uma tradição monacal e tinham como objetivo atender as necessidades bibliográficas dos currículos dos cursos superiores. Entretanto segundo Mendonça (2000) houve uma ruptura, sobre o conhecimento indo para um viés mais técnico com a Escola Politécnica saindo então de uma linhagem católica. Segundo Morigi e Souto (2005):

As bibliotecas universitárias surgiram na idade média, a princípio elas eram ligadas às ordens religiosas entretanto elas começaram a ampliar seu conteúdo para além da religiosidade, assim que a idade média caiu dando espaço ao renascimento e com ela houve um maior desenvolvimento na área da produção. Logo após surge o advento dos tipos móveis por Gutenberg possibilitando assim um estímulo ao conhecimento das letras e a absorção do conhecimento levando a uma desvinculação da religiosidade. (MORIGI; SOUTO, 2005. p. 1).

Hoje as bibliotecas não mantêm mais o aspecto voltado para a guarda, entretanto há bibliotecas que levam esse aspecto de forma mais profunda como as BN'S, Bibliotecas Nacionais. As BN's mantêm um acervo com um enfoque na produção científica e cultural de um país, e os tipos de matérias que serão resguardados para a posteridade seguindo a política de acervo, a mesma depende exclusivamente da unidade. Algumas BN's guardam livros, periódicos, filmes, vídeos, folhetos, partituras, jornais, medalhas antigas, dentre outros, como é o caso de algumas bibliotecas nacionais. Atualmente a biblioteca, sobretudo as bibliotecas universitárias se embasam nas cinco leis de Ranganathan (2009), que são: Uma biblioteca é um organismo vivo em crescimento, os livros são escritos para serem lidos, todo leitor tem seu livro, todo livro tem o seu leitor e poupe o tempo do leitor.

As funções de uma biblioteca de universidade para Fragoso (1996, p. 74) em seu sistema de classificação de tipos de biblioteca: “UNIVERSITÁRIA, é parte integrante de uma instituição de ensino superior (faculdade) e sua finalidade é oferecer apoio ao desenvolvimento de programas de ensino e à realização de pesquisas.” Podemos perceber que esta é a atual situação em que as bibliotecas universitárias trabalham, como o caso da biblioteca central da UFG, que desenvolve atividades culturais como eventos e exposições, assim como palestras. Entretanto de acordo com Santos (2012), a função da biblioteca universitária deve apoiar às atividades de ensino e pesquisa, porém dando ênfase ao desenvolvimento da ciência, educação e cultura. Remetendo assim o papel da biblioteca como difusora de cultura.

A biblioteca universitária atualmente tem um sistema complexo de trabalho, subdividindo suas funções em setores como: setor de aquisição, setor de processamento técnico, setor de finanças, setor de referência, dentre outros. A divisão dos setores aperfeiçoa o serviço acelerando o processo e dando um carácter mais técnico ao fazer biblioteconômico. Dentro de uma biblioteca universitária, na sua grande maioria, existe um sistema, que serve para ordenar e organizar os materiais da unidade podendo ser a classificação decimal de Dewey, classificação decimal universal ou outros. Essas classificações fazem parte de serviços produzidos pelos bibliotecários, tais como a catalogação de livros, atendimento, pesquisa e às vezes restauração. A biblioteca universitária tem um grande enfoque na disponibilização de seu acervo e na pesquisa para atender os seus frequentadores de forma rápida e precisa, também é um ambiente tanto para a pesquisa quanto para o estudo, estes serviços são produzidos e desenvolvidos para um público de estudantes, funcionárias (os), professoras (es) e muitas vezes para a comunidade externa.

O papel da biblioteca universitária é atender as (os) usuárias (os) em suas pesquisas e estudos, entretanto segundo a lei Decreto nº 6. 303 de 12 de Dezembro de 2007<sup>1</sup> e Lei nº 10. 861 de 14 de Abril de 2004<sup>2</sup>, abordam que as bibliotecas universitárias são subordinadas ao órgão superior, ministério da educação, que tem o papel de fiscalizar o funcionamento das bibliotecas universitárias no Brasil, assim

---

<sup>1</sup> Decreto de regulação e supervisão e avaliação de instituições de educação superior. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2007-2010/2007/decreto/D6303.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2007/decreto/D6303.htm)>

<sup>2</sup> Institui o sistema nacional de avaliação da educação superior. Disponível em: < [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ ato2004-2006/2004/Lei/L10.861.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ ato2004-2006/2004/Lei/L10.861.htm)>

como as universidades. Seguindo esta lógica, compreende-se que a biblioteca não depende unicamente da atuação profissional de bibliotecárias (os), entretanto a biblioteca universitária tem em sua base de formação um papel social de promover a cultura dentro da universidade, assim como incentivar o pensamento crítico daqueles que a frequentam.

Para Tarapanoff (1982) A Biblioteca Universitária é como uma parte da sociedade na qual opera, reflete as características gerais do país, tal como o seu grau de desenvolvimento, sua tradição, cultura, seus problemas e prioridades sócio-econômicas. Nesta visão pode-se concluir que a biblioteca universitária é um espelho que deveria refletir as pessoas que a frequentam, e que as ações propostas deveriam ser pensadas a partir de seu público, e de suas características para que as pessoas possam se sentir contempladas pela biblioteca.

### **3.1 Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás<sup>3</sup>**

A UFG, universidade federal de Goiás, foi criada em 14 de Dezembro de 1960, com a junção de cinco escolas superiores de Goiânia. Situada no estado de Goiás, a UFG mantém um total de nove bibliotecas juntas ao seu SIBI, Sistema integrado de bibliotecas, com perspectiva que se tornem onze bibliotecas integradas futuramente. Segundo o site do Sibi/UFG atualmente são: Em Goiânia: Biblioteca central, Biblioteca Seccional Colemar Natal e Silva, Biblioteca Seccional centro de ensino e pesquisa aplicado á educação, Biblioteca Seccional letras e linguística.

Em Aparecida de Goiânia: Biblioteca Seccional Aparecida de Goiânia. Em outras cidades: Biblioteca Seccional Regional de Catalão, Biblioteca Seccional Regional Goiás, Biblioteca Seccional Regional Jataí- unidade Riachuelo, Biblioteca Seccional Regional Jataí- unidade Jatobá. Todo o sistema de bibliotecas é vinculado a Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PRPG).

O SIBI reúne em seu acervo em torno de 350 mil exemplares de materiais, incluindo livros, periódicos, CD- de música, CD-Rom, partituras, discos de vinil, fitas de VHS, mapas, além de uma BDTD, Banco de teses e dissertações produzido pela própria UFG. As bibliotecas participam do portal Capes<sup>4</sup>, disponibilizando mais de

---

<sup>3</sup> Neste capítulo foram utilizadas informações encontradas no site da biblioteca da UFG assim como informações contidas no setor de comunicação. Disponível em: <<https://www.bc.ufg.br/p/980-historico>>

<sup>4</sup> Portal da Capes é um portal de periódicos que é ligado ao ministério da educação e tem materiais nacionais e internacionais. Acesso em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>.

doze mil títulos de periódicos eletrônicos, a universidade mantém convênio com o IBICT e com a Bireme para o serviço de COMULT, Comutação Bibliográfica.

Os acervos das bibliotecas do SIBI/UFG, são abertos a toda comunidade, entretanto para empréstimos é necessário um cadastro na biblioteca que comprove vínculo com a universidade. Dentro da universidade, incluindo todos os campos, são ofertados noventa e seis cursos de graduação, sendo eles tanto modalidade bacharelado quanto licenciatura. Cada biblioteca enfoca um acervo para os cursos localizados no campus em que se encontra, sendo a com o maior acervo a biblioteca central.

Atualmente a biblioteca central conta com dezessete bibliotecários em seu corpo, divididos em áreas como processamento técnico, aquisição, serviço de referência, dentre outros. A forma de ingresso a equipe da biblioteca é através de concurso público, uma vez que a universidade é federal. A biblioteca conta com auditórios, espaços para consulta, salas de estudo individuais e grupais, área de periódicos e audiovisuais, espaço de convivência, sala de treinamento uma vez que para conseguir acesso aos livros os alunos necessitam passar por um treinamento para que se consiga retirar a carteirinha que lhe concede acesso ao acervo da BC.

Dentro do setor de comunicação uma de suas tarefas é a produção de ações culturais, estas são produzidas desde o início da biblioteca, entretanto foram retomadas com maior intensidade em 2014. Dentre as mesmas são feitas, palestras, cursos, apresentações musicais e exposições, como a exposição de artefatos arqueológicos, exposição de mandalas, roupas feitas de material reciclável, exposição de fotos históricas da biblioteca e outras. Grande parte das exposições são externas, ou seja pessoas se oferecem para expor o seu próprio material e a biblioteca acolhe a exposição com seu espaço físico. Entretanto existem eventos culturais produzidos pela biblioteca como, por exemplo: A semana do livro e da leitura que discute a importância do incentivo à leitura dentro da universidade, evento este que abrange todas as unidades do SIBI, com palestras e exposições.

Dentre essas ações podemos observar a existência de eventos voltados a academia e aspectos históricos da biblioteca, revelando uma ausência de ações que dialoguem sobre diversidade com o público frequentador.

### 3.2 Papel Social da biblioteca universitária

Segundo o site da UFG, a universidade tem como missão gerar, sistematizar e socializar o conhecimento e o saber, formando profissionais e indivíduos capazes de promover transformação e o desenvolvimento da sociedade. E a biblioteca sendo parte integrante da universidade precisa auxiliar na construção de pessoas com esse poder transformador na sociedade.

Para Alcântara (2012) às bibliotecas e universidades são agências sociais organizadas com o dever de servir a sociedade, uma vez que são instâncias criadoras e propulsoras do conhecimento, e facilitadoras do acesso ao mesmo.

A sociedade é composta por uma multiplicidade cultural e étnica, entretanto, existem grupos que podem ser considerados uma maioria, não por características numéricas, mas por características de privilégios sociais, via de regra esses privilégios são usufruídos por homens brancos, héteros cisgênero de classe média. E aqueles grupos que podem ser considerados minorias, novamente não por uma questão de número, mas por uma questão de histórica de marginalização dentro da sociedade. Essas minorias podem ser representadas por mulheres, pessoas negras, quilombolas, indígenas e comunidade LGBTQTT que sofrem com a falta de direitos e acessos. Dentro das bibliotecas existem várias (os) usuárias (os) e cada um tem características diferentes que precisam ser trabalhadas de formas a contemplar sua pluralidade, entretanto quando analisamos o acervo de grande parte das bibliotecas observamos que este não contempla a pluralidade cultural de suas (eus) usuárias (os), há uma escassez de materiais que tratem da história do povo negro, identidade de gênero e sexualidades assim como feminismo de forma auto-representada, ou seja, protagonizada por esses grupos.

É necessário que a biblioteca da UFG siga sua missão, segundo o site da Universidade a unidade tem como missão: <sup>5</sup>“Promover o acesso a serviços e produtos em informação com excelência, que acompanhem as transformações tecnológicas, sociais e culturais, para atender as necessidades e expectativas da UFG em sua estrutura multicampi”. Dentro desta perspectiva é importante perceber que as necessidades são mutáveis uma vez que devem seguir as expectativas da UFG e isto inclui de suas (seus) usuárias (os).

---

<sup>5</sup> Informação retirada do site da universidade. Disponível em: <https://www.bc.ufg.br/p/990-missao-visao>  
Acesso em: 24. Jan, 2017.

Há de se pensar que, cabe a (ao) profissional bibliotecária (o) buscar alternativas para que as pessoas sejam contempladas. Fazendo com que a biblioteca exerça seu papel construindo uma sociedade mais humana, promovendo ações que reflitam os conflitos sociais e que pertencem a academia, saindo do campo das ideias e indo para a prática. Existem modos e ferramentas para se trabalhar com assuntos que podem ser considerados polêmicos como transexualidade, no caso da biblioteca universitária, podem ser trabalhadas ações como mesas redondas, roda de conversa, exposições, ações que possam trazer um sentimento de representação por parte das (os) usuárias (os).

### **3.3 Profissionais Bibliotecárias (os)**

A profissão surgiu como uma solução, a partir da necessidade de organizar a informação, entretanto a profissão não se resume apenas em organização de acervos.

A (o) profissional também deve realizar a mediação entre os recursos e serviços da biblioteca e a usuária (o) e liga a biblioteca ao mundo. O contato desse profissional com o público que mantém a biblioteca viva e pulsante, tornando os serviços prestados funcionando. A partir do momento que surge a necessidade de uma organização de informação, surge uma (o) bibliotecária (o), a partir do surgimento das universidades, e com elas, bibliotecários que coordenam o processo de organização e gerenciamento da informação, é importante a inserção de bibliotecárias (os) no espaço da biblioteca pois a mesma (o) detém os conhecimentos técnicos para a disseminação da informação, entretanto é importante que as (os) profissionais ampliem seus horizontes para além do conhecimento técnico, indo em direção a um viés social. Segundo Silveira (2008) Segundo Ortega e Gasset, 2006 apud Fonseca, (2013):

o bibliotecário passa a desenvolver uma relação conflituosa com o livro, pois a quantidade de livros é tão gigantesca que supera os limites de seu tempo e de sua capacidade de assimilação do conteúdo que cada livro contém. Para dar conta dessa explosão bibliográfica, o bibliotecário passou a se preocupar mais com os processos técnicos, em especial a catalogação e a classificação, do que com os serviços aos leitores, sedimentando a imagem de um profissional tradicionalmente afundado entre livros.

Segundo a visão de Ortega e Gasset apud Fonseca o (a) profissional da informação tem se estagnado em uma visão antiga, tradicional e rígida. Devido a

essas caracterizações e muitas outras que se seguiram conforme o tempo foi se criando um estereótipo acerca da profissão, Segundo Moreno e Bastos (2012, p. 7):

o bibliotecário ainda carrega a imagem de monge medieval, como retratado no filme “O nome da Rosa”, como guardiões, eruditos, conservadores e preocupados com a conservação da informação. Estes conceitos são ainda identificados nos atuais profissionais da área.

Esse tipo de imagem pode ter sido feita a partir da mídia e da literatura, assim como más experiências que usuárias (os) vivenciaram, uma imagem negativa pode acarretar na dificuldade da usuária (o) de pedir informações na biblioteca com receio de incomodá-lo por não achar sua questão valorosa, entretanto este paradigma é pós custodial, o mesmo se desenvolveu a partir do fazer da profissão, criando assim a imagem atual da profissão.

Segundo Silveira (2007).

para aqueles que objetivassem exercer o ofício de bibliotecário eram necessárias qualidades como amor à leitura e prazer para o trato com os livros, aguçado senso de organização, perspicácia para criar e manejar inúmeros sistemas classificatórios, dominar com fluência idiomas modernos e antigos, especialmente o latim e o grego, para acesso aos mistérios e segredos do conhecimento, além de compreender os processos de produção e circulação do escrito. [...] a figura do bibliotecário [...] se caracterizou pelo silêncio, pela solidão, pelas arduas práticas de organização do conhecimento, pelo amor ao livro e à leitura e pelo imenso respeito à memória dos homens e seus símbolos culturais.

Atualmente o perfil da (o) profissional da informação se distingue bastante de um(a) profissional que se caracterizava pelo silêncio, cada vez mais a comunicação é exigida dentro da biblioteconomia, o profissional comunicativo tem sido uma característica para o atual perfil e demanda das instituições, sabendo argumentar e discutir diversos temas dentro das unidades que trabalham pois a sociedade precisa de profissionais que trabalhem de forma crítica e pensante desconstruindo paradigmas e conseguindo transpassar barreiras.

Em 2015 foi iniciado o projeto da biblioteca da diversidade, a iniciativa partiu do bibliotecário Cristian Santos, com o objetivo de criar um espaço segundo Santos (2015) que ajude no processo de empoderamento de vítimas de ódio.

#### 4. GÊNERO E SEXUALIDADES

Para inserir as discussões sobre gênero e sexualidades no discurso e nas ações biblioteconômicas se faz necessário compreender e identificar a categoria de gênero no campo da construção teórica que surge a partir do movimento feminista em meados da década de 80. Como marco teórico e acadêmico, podemos citar a historiadora estadunidense Joan Scott (1989) que trouxe novas perspectivas ao relacionar as questões de gênero às relações de poder, que até então eram vistas de forma dual: gênero (natureza), sexo (cultura).

A autora não nega a existência de diferenças entre os corpos sexuais, entretanto seu questionamento está nas formas como se constroem significados culturais para essas diferenças, dando sentido para essas e posicionando-as dentro de relações hierárquicas.

De acordo com Scoott (1989) na segunda guerra mundial os nazistas reforçavam a importância da mulher como procriadora sendo que após a segunda guerra mundial foi necessário que as mulheres saíssem deste papel e assumissem trabalhos que eram designados previamente apenas para homens, para ajudar a reerguer o país após a guerra. Sendo assim apenas uma mudança que altere a estabilidade social vigente pode mudar as relações de poder e de gênero. Scoott (1989) afirma que a história política foi encenada no palco do gênero, entretanto por mais que estes papéis em momentos possam parecer fixos, os mesmos são constantemente contestados e flutuantes.

De acordo com Louro (2008, p. 18) a formação dos gêneros e das sexualidades ocorre mediante a um conjunto de constantes aprendizagens e práticas, a mídia, a escola, os hospitais, todos os setores da sociedade expressam suas “opiniões acerca dos modos de vida das pessoas, como se vestir, com quem sair, o que é bonito, o que é feio, o que é agradável e o que não é”. E dentro destas situações os gêneros são explícitos como: Shampoo masculino ou Lâminas de depilação feminina. Dentro desta cultura social até os objetos adquirem caráter de gênero e sexo.

Segundo Jesus (2012) a ciência determina o sexo segundo o tamanho e proporção de suas células reprodutivas, e biologicamente isto não determina uma atitude masculina ou feminina, quem constrói comportamento é a cultura. Para Jesus (2012) Sexo é biológico e gênero é social, no sexo o que pesa são os

cromossomos no gênero a auto percepção e a forma como a pessoa se expressa na sociedade. É importante ressaltar a ideia de auto percepção, ou seja o modo como a própria pessoa se vê e não o modo como a sociedade a coloca, o gênero na qual a mesma sente que lhe é adequado. Ainda para Jesus (2012), a vivência de um gênero que não corresponde com o seu sexo biológico, pois é uma questão de identidade de gênero que é aplicável ao caso das pessoas travestis e transexuais, que são tratadas socialmente em uma única classificação, trans ou Transgênero.

Para abordar questão de gêneros, se faz necessário abordar os tipos de gêneros, como cisgêneros e Transgênero, nesse sentido, segundo Jesus (2012), cisgênero são pessoas que se identificam com o gênero que lhe foi atribuído em seu nascimento, já as não cisgênero, são aquelas que não se identificam com o gênero que lhe foi atribuído, como Transgêneros ou trans. Jesus (2012) explica que no Brasil, ainda não há um consenso sobre o tema trans e Transgênero. Existem pessoas que consideram Transgêneros uma categoria diferente de travestis e transexuais. Também existem pessoas que não se identificam com nenhum gênero, essas pessoas assim como as pessoas trans, não detêm na literatura realmente um consenso sobre como devem ser chamadas, alguns autores utilizam *Queer* outros, andrógenos. Existem aqueles que transitam entre os gêneros, conhecidos como *genderfluid*<sup>6</sup>.

É importante salientar que questões de gênero, não são necessariamente associadas à sexualidade, por exemplo: Um homem, que passa a se vestir e se comportar como uma mulher, aceitando assim a identidade de gênero que posteriormente não vivenciou, entretanto o mesmo homem que agora é uma mulher trans, pode ser uma mulher trans heterossexual, ou seja uma mulher trans que se relaciona com homens, ou uma mulher trans lésbica, ou seja, uma mulher trans que se relaciona com outras mulheres. Para Simone de Beauvoir (1980, p. 9): “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, logo ser mulher é uma construção social, ser mulher é carregar características que a sociedade implica ser tipicamente feminina.

Ao discutirmos questões sobre gênero e sexualidades na biblioteconomia temos a intenção de dar visibilidade a estas questões através do acesso à informação a fim de contemplar essa temática na profissão e reduzir os estigmas e

---

<sup>6</sup> *Genderfluid* ou **gênero fluido** é um termo utilizado para classificar pessoas que transitam entre os gêneros **binários**.

preconceitos, que muitas vezes são acompanhados por violência moral e física. Segundo o site das nações unidas do Brasil:

[...] uma pesquisa da organização não governamental 'Transgender Europe' (TGEU), rede europeia de organizações que apoiam os direitos da população transgênero, o Brasil é o país onde mais se mata travestis e transexuais no mundo. Entre janeiro de 2008 e março de 2014, foram registradas seiscentas e quatro (604) mortes no país.(ONUBR, Nações unidas do brasil.) (2016, p. 1)

Este número é alarmante, pois mostra um alto índice de preconceito e intolerância, muitas vezes por falta de informação, às pessoas que não se identificam na lógica de gênero binário, estas sofrem com o pré-conceito ao longo de sua vida, na infância a dificuldade de se adequar aos padrões impostos pela sociedade. Comportamentos considerados inadequados vão se acentuando, as descobertas sexuais e a dificuldade em se sentir adequada ao próprio corpo também geram situações de grande estresse e falta de entendimento sobre a construção de sua identidade de gênero.

Atualmente, com os avanços tecnológicos e a possibilidade de acessar diversos meios de comunicação e um número considerável de produções não só literárias, mas também no audiovisual sensíveis a essa temática, podemos construir novos sentidos e “modos de compreender, dar sentido e viver os gêneros e a sexualidade. Transformações são inerentes à história e à cultura, mas, nos últimos tempos, elas parecem ter se tornado mais proliferado vozes e verdades”. (LOURO, 2008, p. 19).

A ideia de desenvolver novos meios de vida e pensamento abrem modos para que as pessoas possam se identificar e se sentir contemplados, inclusive em locais que antes eram pragmáticos e engessados em uma cultura autoritária, patriarcal e heteronormativa que reprimiam tudo e todo aquele que fugisse dos padrões. Culturas evoluem constantemente, inclusive influenciando a visão de gênero, como é exemplificado por Centa (1999), com a Revolução Francesa, pretendia-se transformar os costumes e criar um novo homem em aparência, linguagem e sentimentos. Isto, entretanto, fracassou devido à resistência das pessoas e por que os costumes se mostraram mais fortes que as leis. Neste

exemplo fica claro como muitas vezes a questão cultural sobrepõe até as leis quando se trata do que é ser homem e o que é ser mulher.

Para construir novos ambientes que mudem a cultura existe a necessidade de uma construção de políticas públicas que busquem contemplar essas identidades que fogem do padrão hetero normativo binário. Segundo Louro (2008 p. 20):

Muito especialmente a partir dos anos 1960, jovens, estudantes, negros, mulheres, as chamadas minorias sexuais e étnicas passaram a falar mais alto, denunciando sua inconformidade e seu desencanto, questionando teorias e conceitos, derrubando fórmulas, criando novas linguagens e construindo novas práticas sociais. Uma série de lutas ou uma luta plural, protagonizada por grupos sociais tradicionalmente subordinados, [...] Seu propósito consistia, pelo menos inicialmente, em tornar visíveis outros modos de viver, os seus próprios modos.

Dentro do campo de gênero e sexualidade, indivíduos trans existem e resistem mesmo estando à margem vivenciando violência e exclusão, estes lutam pela garantia de direitos e leis como a Maria da Penha (11.340/06)<sup>7</sup>, que define no Decreto nº 8.727, de 28 de Abril de 2016 autorização do uso do nome social em âmbito federal independente da orientação do indivíduo. Segundo Queiroz do site Anistia Internacional<sup>8</sup>, foi instaurado em 2004 no dia 29 de Janeiro, o dia Nacional da Visibilidade de Transexuais e Travestis, a data foi escolhida a partir de uma campanha de líderes de movimentos de pessoas trans em parceria como programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde, no âmbito da saúde segundo o site Portal Brasil do Governo Federal do Brasil as cirurgias de resignação de gênero são feitas pelo SUS desde 2008. Estas são apenas algumas conquistas que foram feitas a partir de muita luta dos movimentos.

Observa-se uma luta pelo simbólico, as conquistas de espaços culturais, como o programa “amor e sexo” no canal Globo de televisão, filmes como “Hoje eu quero voltar sozinho” e “Tatuagem”, canais no *Youtube* como o “Canal das Bee” e “Para tudo”, peças de teatro e a inserção de disciplinas que discutem a temática de gênero e sexualidades na UFG, a própria Universidade Federal de Goiás, foi pioneira em estender o nome social para funcionárias (os) e a comunidade externa que venha a frequentar a instituição. Essas conquistas são fundamentais para dar a

<sup>7</sup> Todas as leis utilizadas neste trabalho foram encontradas no site do planalto. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/> Acesso em: 03. Dez. 2016

<sup>8</sup> Site vinculado ao movimento internacional Anistia Internacional Disponível em <https://anistia.org.br/29-de-janeiro-um-dia-nacional-de-luta-pela-dignidade-para-pessoas-trans/> Acesso em: 03. Dez. 2016.

voz às minorias e apara construir uma sociedade que enxergue e respeite a diversidade. Segundo Louro (2008 p. 21):

A luta no terreno cultural mostrava-se (e se mostra), fundamentalmente, como uma luta em torno da atribuição de significados produzidos em meio a relações de poder.[...] . No terreno dos gêneros e da sexualidade, o grande desafio, hoje, parece não ser apenas aceitar que as posições se tenham multiplicado, então, que é impossível lidar com elas a partir de esquemas binários (masculino/feminino, heterossexual/homossexual). O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas.

Por mais que atividades como: feiras, paradas do orgulho *LGBTIT*<sup>9</sup>, cinemas, bares e boates alternativos tenham se tornado mais presentes ainda assim são pequenos fragmentos se comparados as necessidades reais e cotidianas dessa parcela minoritária da população.

Seguindo o pensamento de Louro (2008) O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la. As pessoas precisam aceitar as mudanças e vive-las de uma forma que quebrem os conceitos que estão se tornando obsoletos e que acorrentam a liberdade de autenticidade do outro para assim gerar uma sociedade mais sadia emocionalmente e com respeito as diferenças.

Sendo assim entendemos que é primordial a abordagem de temáticas inclusivas como gênero e sexualidades na educação e a importância da mediação da informação através das bibliotecas, da leitura e ações de convivência desempenhando um papel transformador e questionador oportunizando a formação de cidadãos que respeitem a diversidade e que compreendam a importância das leis e normas que, de alguma forma, asseguram a integridade e a sociabilização dessas pessoas discriminadas, construindo assim na legalidade uma sociedade mais empática e libertária.

#### **4.1 Biblioteca e diversidade**

Dentro da parte das minorias podem ser classificadas como minorias étnico-raciais, como negras (os) e índias (os) ou questões de gênero, que englobam mulheres sejam elas transgêneros ou cisgêneros.

---

<sup>9</sup> *LGBTIT* sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Intersexuais e Transgêneros.

Nas discussões étnico-raciais é necessário que existam nos acervos livros de autoras e autores negros, assim como materiais que tratem da história dessas pessoas sejam de origem africanas ou de origem indígena, o objetivo é trazer a cultura destes povos para a comunidade assim como a representatividade em busca de uma quebra do preconceito existente a cerca dessa população.

Já as questões feministas devem implantar na biblioteca autoras, assim como materiais com estudos feministas e discussões sobre comportamento e gênero para assim diminuir o número de agressões contra mulheres na sociedade e tornar a sociedade mais igualitária, a importância de se ter autoras feministas é dar exemplos as meninas que irão crescer e compreenderem que podem fazer o que quiserem inclusive ser autoras.

As pessoas trans, não tem um caminho fácil dentro da sociedade, é muito comum essas pessoas serem humilhadas dentro das escolas, e o *bullying*<sup>10</sup> pode partir tanto de alunos quanto de professores e como consequência desse ambiente tóxico posteriormente saírem da escola abandonando os estudos. É válido a utilização do nome social já no início da descoberta de seu gênero, para assim a pessoa se sentir confortável no ambiente em que se encontra e permanecer no mesmo, uma vez que não ser reconhecido é uma violência social, a utilização do nome social deve ser aplicada por todas as instituições para a melhor convivência entre as pessoas cisgênero e transgênero.

Quando pessoas trans vão à procura de emprego dificilmente encontram um trabalho, pois os empregadores preferem contratar pessoas com experiência, com uma base educacional e pessoas cisgênero, devido às suas crenças e ideologias. Sem oportunidades, algumas dessas pessoas acabam indo parar na prostituição onde sofrem vários riscos tais como a de contrair de doenças, o risco das agressões dentre outros. Entretanto vale lembrar como nos explica Jesus (2012), nem toda travesti ou pessoa trans é profissional do sexo.

Em nosso país, o espaço reservado a homens e mulheres transexuais, e a travestis, é o da exclusão extrema, sem acesso a direitos civis básicos, sequer ao reconhecimento de sua identidade. São cidadãos e cidadãs que ainda têm de lutar muito para terem garantidos os seus direitos fundamentais, tais como o direito a vida, ameaçado cotidianamente. Jaqueline Gomes de Jesus. Identidade de gênero: conceitos e termos, 11. (Brasília,DF: 2012).

---

<sup>10</sup> Palavra de origem norte americana que significa segundo o dicionário Cambridge que significa: alguém que machuque ou intimide uma pessoa menor ou mais fraca, forçando a fazer algo que não gostaria. (trad nosso)

Se tratando de biblioteca, onde em teoria o primeiro contato para uma pessoa deve ser a biblioteca escolar, sendo que a biblioteca escolar tem a função de implantar uma unidade de informação na vida da (o) usuária (o). Dentre os tipos de biblioteca, a que possivelmente mantêm-se mais longe da realidade trans é a biblioteca universitária, pois, é focada em atender os alunos de cursos de graduação e pós-graduação. Entretanto para uma pessoa trans entrar em uma biblioteca universitária e participar efetivamente das ações propostas pela unidade, primeiramente precisa ingressar na universidade, uma vez que o acervo de uma biblioteca universitária tem como objetivo auxiliar os estudos das áreas que a universidade tem em seu currículo. E para estar em uma universidade essa mesma necessita de uma formação, no ensino fundamental e médio. Se torna um ciclo educacional em que indivíduo precisa passar por fases e o mesmo se aplica a biblioteca, precisa-se, ter o habito de frequentar a unidade para assim chegar a universidade utilizando a biblioteca universitária.

A biblioteca é um reflexo da universidade, entretanto, surge um questionamento, é possível discutir gênero e sexualidades na vertente da trans sexualidade dentro de uma biblioteca universitária? Se sim, como?

Essa discussão no campo da biblioteconomia é bem recente, entretanto, temos alguns exemplos de ações desenvolvidas, existe um projeto feito pelo bibliotecário Cristian Santos de construir a biblioteca para diversidade. Segundo Santos (2015), a motivação para criar a biblioteca da diversidade foi a revolta frente ao silêncio das bibliotecas brasileiras em torno das questões de gênero e sexualidade. A ideia de Santos mostra que faltam ações e atitudes por parte de bibliotecárias (os) para que saiam da zona de conforto e trabalhem questões de gênero e sexualidade. Já no maranhão segundo o jornal Informativo Viva<sup>11</sup> mulher de 2013 foi inaugurada a primeira biblioteca especializada em gênero Maria da Penha Maia Fernandes, localizada na secretaria de estado da mulher. E em São Paulo, segundo o site Museu Afro Brasil<sup>12</sup> existe a biblioteca Coralina Maria de Jesus que tem um acervo voltado em escravidão, tráfico de escravos e abolição da escravatura. Estas iniciativas são símbolos de resistência, que precisam permanecer e se espalhar, assim como se tornarem exemplos para outras (os) profissionais.

---

<sup>11</sup> Informação retirada do jornal digital Informativo Viva Mulher: Disponível em: < [http://www.semuma.gov.br/files/2013/07/informativo\\_Mai\\_Jun\\_2013.pdf](http://www.semuma.gov.br/files/2013/07/informativo_Mai_Jun_2013.pdf)> Acesso em: 22, Jan. 2017.

<sup>12</sup> Informação retirada do site Museu Afro Brasil: Disponível em: < <http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/biblioteca-carolina-maria-de-jesus>> Acesso em: 22, Jan. 2017.

## 4.2 Nascimento das discussões de gênero

Scott (1989) em seu trabalho: Uma categoria útil para análise histórica, inicia seu texto abordando gênero de uma forma gramatical, como o gênero é aplicado as palavras. Para Scott (1989) a ideia de gênero surge primeiramente com o movimento feminista americano que abordavam o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, e aplicavam gênero como uma rejeição ao determinismo biológico. A palavra gênero era utilizada sobre os determinismos que a mulher sofria por ser mulher. Entretanto, segundo Scott (1989) Nathalie Davis em 1975 apontou a importância de se compreender o gênero não só da classe oprimida, no caso as mulheres, mas também da classe que detêm os privilégios sociais no caso, os homens.

Scott(1989) afirma que quando se iniciou os estudos de gênero, as autoras feministas acreditavam que os estudos do feminismo deveriam ser ampliados a todas as áreas a modo de transformar a visão da sociedade sobre a mulher. Gênero segundo Scott (1989) para as feministas se tornava uma categoria, como classe e raça que servia para compreender a história que incluía a fala das (os) oprimidas (os), provando que as desigualdades estão organizadas dentre estes três fatores. Entretanto Scott(1989) afirma que não havia paridade entre as categorias uma vez que a ideia de classe se pautava no marxismo, enquanto a ideia de gênero e raça não poderiam ser apoiadas pela mesma linha teórica que o estudo de classe.

Gênero tem sido utilizando ultimamente segundo Scott (1989) como um sinônimo para mulheres, de uma forma a ser um termo mais neutro. Scott (1989) relaciona as questões de gênero com relações de poder e estas relações podem ser mutáveis através de transtornos políticos. Estas relações podem ser mudadas seja reforçando o papel já atuante ou distanciando as pessoas da visão normativa e binária. Um exemplo citado por Scott(1989) é que na segunda guerra mundial os nazistas reforçavam a importância da mulher como procriadora sendo que após a segunda guerra mundial foi necessário que as mulheres saíssem deste papel e assumissem trabalhos que eram designados previamente apenas para homens, para ajudar a reerguer o país após a guerra.

Sendo assim apenas uma mudança que altere a estabilidade social vigente pode mudar as relações de poder e de gênero. Scott (1989) afirma que a história política foi encenada no palco do gênero entretanto por mais que estes papéis em momentos possam parecer fixos, os mesmos são constantemente contestados e flutuantes. Logo é necessário se fazer uma resistência quanto a estes papéis que segregam e mantem a sociedade engessada, para que as próximas gerações se sintam livres de resignações de gênero e com mais consciência sobre gênero e sexualidades.

### 4.3 Gênero e sexualidades na UFG

A Universidade Federal de Goiás, vem dando alguns passos nas questões de gênero e sexualidade, algumas palestras e grupos de estudo sobre o tema começaram a ser realizados na instituição, um dos exemplos foi a criação do grupo de estudo Ser-Tão<sup>13</sup> no final de 2006. Segundo o site do próprio grupo o núcleo tem como missão a produção e a divulgação de conhecimentos voltados à promoção da equidade de gênero e à garantia dos direitos sexuais. Outro grupo que vem trazendo visibilidade para pessoas trans dentro da universidade seria o cursinho prepara trans<sup>14</sup> que tem como finalidade dar aulas para transgêneros, travestis e transexuais para se prepararem para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), para que as(os) mesmas (os) ingressem na universidade, dentro da universidade existe um setor chamado Coordenadoria de Ações Afirmativas (CAAF) segundo o site da UFG, a CAAF<sup>15</sup> tem como algumas funções como: Articular as questões que garantam o direito a diversidade, promovam a pluralidade de ideias, ampliem a inclusão e contribuam para um fortalecimento de uma política universitária comprometida com a superação das desigualdades e o respeito as diferenças e realizar campanhas sobre o tema da diversidade como prevenção a todas e quaisquer forma de preconceito e discriminação.

Segundo Passos, Vieira e Gomes (2016) em Goiânia a UFG tem se aliado a alguns projetos voltados as pessoas trans.

- 1- Enuds - Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual: O ENUDSG é um evento de caráter político para além de acadêmico em torno das discussões sobre raça, gênero, corporalidades, identidades e sexualidades estigmatizadas e oprimidas. O encontro objetiva reunir sujeitas/os da academia e comunidades não acadêmicas, dos movimentos sociais. Encontra-se na XIV edição que ocorrerá na FURG - Universidade Federal do Rio Grande, no Rio Grande do Sul. A edição anterior (XIII) foi realizada na Universidade Federal de Goiás.
- 2- Projeto TX: O projeto tem duas dimensões: ambulatorial, na qual o paciente recebe atendimentos básicos de saúde e acompanhamento, e o atendimento hospitalar pré, durante e pós-operatório, quando são realizadas diversas cirurgias de correções

<sup>13</sup> Site Ser-tão. Disponível em: < <https://www.sertao.ufg.br/>> Acesso em: 02. Dez. 2016.

<sup>14</sup> Cursinho prepara trans. Disponível em: < <https://www.ufg.br/n/90361-cursinho-prepara-transgeneros-travestis-e-transexuais-para-enem>> Acesso em: 02. Dez. 2016.

<sup>15</sup> CAAF. Disponível em: < <https://www.ufg.br/n/84461-caaf>> Acesso em: 02. Dez. 2016.

plásticas para adequação do fenótipo de nascimento físico ao gênero de identificação da pessoa transexual.

- 3- TransAção: Coletivo universitário de mulheres e homens transexuais, pessoas travestis e transgêneras, familiares e apoiadores da causa trans na UFG.
- 4- Trans UFG: Programa de extensão sobre transexualidades e travestilidades, realizado pelo Ser-Tão e TransAção, da Universidade Federal de Goiás (UFG).

## **5 METODOLOGIA**

Neste capítulo serão descritos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho.

### **5.1 Abordagem e tipo de pesquisa.**

Este trabalho utilizou a abordagem qualitativa, pois deseja compreender a possibilidade de dar visibilidade às demandas informacionais de pessoas Trans dentro das ações promovidas e bibliotecas universitárias. Para Gerhardt e Silveira (2009) Os pesquisadores que seguem a abordagem qualitativa vão contra ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, uma vez que as ciências sociais têm sua especificidade, o que necessita uma metodologia própria.

O trabalho buscou através de uma pesquisa-ação, que de acordo com Trip (2005) segue o rumo da prática levando em consideração o segmento pragmático da pesquisa científica.

Ou seja, uma pesquisa que é desenvolvida a partir de um estudo teórico que se reflete na prática como uma completude de uma pesquisa teórica, no caso uma ação cultural com a temática travestis, transexuais e transgêneros (T) ocorrida em nove de novembro(9/11) de 2016 no auditório da Faculdade de informação e comunicação da UFG com uma roda de conversa com uma palestrante trans que atua dentro da área assim como na luta contra a violência e a transfobia e dois alunos da biblioteconomia que trabalham gênero e sexualidades dentro da área. Como complemento da ação, uma exposição de fotos de pessoas trans em momentos de descontração.

Compreender o papel social da BU como proponente de discussões de gênero e sexualidades com recorte de público trans, sobretudo na biblioteca

universitária assim como despertar um sentimento de representatividade das estudantes e futuras estudantes trans na universidade e um entendimento mais abrangente dos estudantes cisgênero (não trans) sobre estudos de gênero e sexualidades facilitando assim a interação e sociabilidade por parte dos estudantes.

## **5.2 Sujeitos do estudo**

Neste trabalho foi utilizado como sujeitos do estudo, estudantes da UFG, sendo eles de graduação ou pós, o trabalho se desdobrou colhendo informações no questionário como as experiências dos mesmos, a amostra de estudantes que responderam o questionário foram trinta e um (31), sobre ações para o público trans, seja através de eventos, ações propostas pela universidade ou biblioteca, de modo que fosse possível identificar as necessidades das (os) usuárias (os) sobre a temática de gênero e sexualidades, tal como o seu conhecimento do tema e a relevância de se trabalhar essa discussão dentro do âmbito universitário. O trabalho teve como objetivo desvendar se a biblioteca universitária poderia ser um espaço para a discussão de gênero e sexualidades, e graças as (os) estudantes que participaram da ação: Roda de conversa sobre gênero e sexualidades na biblioteca, foi possível concluir esta pesquisa.

## **5.3 Instrumento de coleta**

O instrumento de coleta foi a roda de conversa realizada no dia nove de Novembro no auditório da Faculdade de Informação da UFG, divulgada a partir da página do *Facebook*, com a presença de uma ativista psicóloga trans para falar sobre sua vivência como mulher trans e sua luta pela causa, assim como uma aula e um aluno de biblioteconomia para ligar a temática a biblioteca universitária.

A técnica foi o questionário contendo nove questões, sendo duas de caráter aberto e sete fechadas. As perguntas utilizadas no questionário têm como objetivo identificar se os (as) presentes na ação já detinham experiências prévias sobre discussões de gênero e sexualidade, e também verificar se as (os) respondentes tinha sugestões de ações que a biblioteca poderia utilizar para abordar a temática.

## **5.4 Procedimento de coleta e análise de dados**

Os questionários foram entregues no intervalo das falas da mesa redonda realiza no dia nove de novembro, na ocasião estavam presentes três palestrantes

sendo uma delas uma mulher trans, funcionários, estudantes, professoras e bibliotecárias. Foram coletados trinta (30) questionários.

As respostas obtidas com a aplicação do questionário foram tabuladas no questionário online tal a fim de obter uma representação das respostas semelhantes e assim agrupá-las, no caso de perguntas fechadas. A fim de verificar e expor a opinião das respondentes, foram extraídos fragmentos das perguntas abertas.

## 5.5 Limitações

As limitações deste estudo são originárias principalmente da falta de referencial bibliográfico que englobem a temática: Gênero e sexualidades e biblioteca universitária. Dentro da BDTD da UFG foi feita uma pesquisa com as palavras-chave Gênero e sexualidades na biblioteca universitária uma vez que o recorte da pesquisa é gênero e sexualidade: Trans.

Ao se fazer esta pesquisa na BDTD se recuperou dez páginas, entretanto logo na primeira página os temas vão se distanciando daquele que foi atribuído as palavras chave.

Foi construída então uma tabela com as palavras-chave utilizadas nos trabalhos da primeira página para apresentar os tipos de assunto que o mesmo aborda, dentre os assuntos, aqueles que foram utilizando em inglês não foram selecionados para a abordagem desta análise uma vez que os mesmos são apenas traduções para a língua inglesa das palavras em português.

Dentro dessas palavras é notável o distanciamento da área biblioteconomia, as palavras-chave citam educação, professores, entretanto existe uma ausência de trabalhos sobre gênero e sexualidades que advenham da biblioteconomia, dando maior ênfase na construção deste trabalho.

Primeira página. Palavras-chave utilizadas:

Trabalho 1 – Gênero; Educação; Formação inicial de professoras/es; Saberes. Trabalho 2 – Educação física escolar; Gênero; Sexualidade; Performance; Performatividade. Trabalho 3 – Eugenia; Sociedade Mexicana de Eugenesia; México; Gênero e sexualidade; Reprodução humana. Trabalho 4 – Saúde escolar; Educação sexual; Sexualidades e adolescência. Trabalho 5 – Armário; Gaydar; Gênero; Sexualidade; Homossexualidade; Dispositivo; Estratégia; Performatividade e auto ajuda. Trabalho 6 – Mercado; Sexualidades; Identidades; Música; Antropologia urbana. Trabalho 7 – Gênero; Educação profissional; Curso técnico em

enfermagem; Direitos humanos. Trabalho 8 – Identidade; Gênero e sexualidade; Cuba. Trabalho 9 – Cultura visual; Gênero; Sexualidade; Educação. Trabalho 10 – Gênero; Educação física; Escola.

Outra dificuldade encontrada na elaboração do estudo seria a incerteza do período letivo, devido ao momento político em que o Brasil se encontra, uma vez que, durante o decorrer da ação houve muitos questionamentos a cerca de uma possível greve. Durante a construção do trabalho, sobretudo em seu período final os servidores da biblioteca entraram em estado de greve e os alunos decidiram por ocuparam os prédios, criando uma incerteza acerca do público que viria a participar do evento assim como um local ao qual o evento poderia ser produzido. Entretanto graças ao apoio dos alunos da ocupação e da direção da BC o evento pode ser feito no auditório do prédio da Faculdade de informação e comunicação.

## **6 ANÁLISE DE DADOS**

A análise neste trabalho teve como objetivo identificar a possibilidade da biblioteca universitária como um espaço para se tratar gênero e sexualidades através das respostas dos questionários aplicados, através do questionário foi identificado e traçado o perfil do público que estava na ação, assim como suas experiências e o grau de importância para essas pessoas acerca da temática da roda de conversa e os modos com os quais a biblioteca e a universidade podem tratar gênero e sexualidades em seus âmbitos.

### **6.1 O perfil do público**

De acordo com as respostas obtidas nas questões 1 e 2 que tinham como objetivo identificar o perfil do público presente na ação é possível afirmar que Dentre os trinta e um (31) questionários vinte e quatro (24) pessoas responderam que são estudantes da UFG e seis (6) responderam que não, e uma pessoa não respondeu a questão. Dessas, 28 pessoas afirmaram não serem trans e 3 se afirmaram como pessoas Trans. Ou seja, 90,3% das pessoas que participaram da ação não se declararam como pessoas trans e 9,7% se declararam como trans, o que pode ser considerado um número baixo uma vez que a proposta da ação se tratava da temática trans sendo que apenas três pessoas da ação eram trans.

Essa maioria relevante de pessoas não trans, pode nos dizer que há uma necessidade de discutir relações de gênero e sexualidades no âmbito da Universidade, e essas discussões estão latentes e é uma demanda estudantil. Exemplo disso, no ano de 2016, a UFG teve a Reitoria foi ocupada por uma ação feminista<sup>16</sup>, e uma das pautas levantadas era não só a inserção de disciplinas que discutissem gênero, raça e sexualidades, mas também que servidores, tanto técnico-administrativos quanto corpo docente recebessem formação continuada para ministrar esses conteúdos.

## **6.2 Discussões de gênero e sexualidades**

Quando questionados sobre terem conhecimento nas discussões de gênero e sexualidades vinte e oito (28) responderam que sim, e duas (2) pessoas responderam que não e uma pessoa não se pronunciou. É visível que a grande parte das pessoas que estavam no evento detinha um certo conhecimento acerca do tema, e estavam lá para aumentar seu nível de entendimento sobre gênero e sexualidades enquanto apenas duas pessoas não sabiam sobre a temática.

Uma parte majoritária dos estudantes, não trans colocaram que compreendem gênero e sexualidades, porém existe um questionamento acerca de onde essas pessoas tiveram contato com a temática.

Para Louro (2008) construção dos gêneros e das sexualidades são conjuntos de constantes aprendizagens e práticas, nos quais todos os setores da sociedade expressam suas “opiniões acerca dos modos de vida das pessoas. Gênero e atribuído diretamente ao social enquanto as sexualidades são questões internas e pessoais. Esta questão foi proposta, para identificar se as pessoas que estavam na ação detinham conhecimento prévio sobre o assunto, pois existem aqueles que não compreendem o assunto e vão a ação para descobrir o que significa a temática e há aqueles que vão para se aprofundar mais sobre um tema previamente compreendido.

## **6.3 quanto ao papel da (o) profissional bibliotecária (o)**

Quanto o papel da profissional bibliotecária em disponibilizar informações e promover ações para fomentar as discussões sobre gênero e sexualidades, apenas uma respondente desconhecia essa afirmativa. É visto que a maioria consegue

---

<sup>16</sup> Ação da ocupação feminista na UFG. Disponível em: <http://mudeufg.com/site/2016/uma-vitoria-feminista-na-ufg/>. Acesso em: 12. Nov 2016.

projetar a ideia do (a) profissional da informação com um caráter social, ou seja, são frequentadoras (es) de bibliotecas que enxergam através das ações propostas por algumas unidades e conseguem visualizar um cunho social na profissão. Segundo Pires (2012) o profissional da informação para se integrar a sociedade precisa exercer um papel como mediador não só informacional, mas educacional também. Este papel educacional engloba inserir em seu fazer biblioteconômico questões que atingem a sociedade, buscando levar informações e desconstruir paradigmas e tabus como as questões de gênero e sexualidades, esclarecendo essas temáticas, colaborando assim com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e sem preconceitos.

#### **6.4 ações sobre gênero e sexualidades na UFG**

Quando questionados sobre a existência e a participação de ações que discutissem gênero e sexualidades na UFG, dezenove (19) pessoas dos 31 questionários responderam que não, onze (11) responderam que sim e uma pessoa não respondeu esta questão. Quando foram indagados acerca de quais outros eventos além da ação proposta, apenas cinco (05) pessoas citaram eventos que seguiam a temática da questão, e foram:

- E1 -Seminário trans na Faculdade de direito (FD);
- E2 -Babado inaugural do cursinho Prepara Trans, Encontro Nacional em Universidades sobre Diversidade Sexual e Gênero (ENUDSG);
- E3 -Congresso de pesquisa, ensino e extensão (CONPEEX);
- E4 -Abertura das disciplinas de gênero, raça e sexualidades;
- E5 -Roda de conversa sobre gênero e sexualidades organizada pelos alunos do curso de Jornalismo.

Dentre esses eventos citados dois deles foram eventos de grande porte, ENUDSG e o CONPEEX, sendo o primeiro um encontro a nível nacional de pesquisa de gênero e sexualidades e o segundo um encontro a nível regional de pesquisa e extensão, os outros são eventos menores que tem como foco um público universitário menor, como estudantes de prédios e de cursos específicos como é o

caso do seminário trans na FD e a roda de conversa sobre gênero e sexualidades organizada pelos alunos do curso de jornalismo.

Podemos observar que essa temática tem sido abordada no âmbito universitário, entretanto não temos ações promovidas especificamente pelo curso de biblioteconomia nem pelas bibliotecas que teriam potencial em debater essa questão sobre diversas perspectivas, público, acervo, serviços oferecidos, ações, exposições e debates. O curso de biblioteconomia em específico poderia ter trabalhado junto com o curso de jornalismo uma vez que segundo a resposta dada na E5, os alunos do curso de Jornalismo promoveram uma roda de conversa sobre gênero e sexualidade. Falta como visto uma integração não só do curso, mas da Faculdade de Informação e Comunicação como da biblioteca em ações afirmativas para que essas ações venham a ser desenvolvidas em prol da representatividade e da luta contra a transfobia.

### **7.5 A importância de se discutir gênero e sexualidades**

A fim de verificar se as respondentes consideravam a importância de se discutir gênero e sexualidades na UFG e saber de que forma e quais ações poderiam ser implementadas, as respondentes afirmaram que:

Trinta afirmaram que sim, e (01) uma respondeu que não, essa questão leva a interpretação de que (30) de 31 pessoas compreendem que é papel da biblioteca tratar de temas como gênero e sexualidades assim como a importância dessa temática para o ambiente. O grau de importância também foi verificado em uma escala de zero a cinco, onde 0 – desnecessário, 1 - não é uma prioridade, 2 – Não compreendo a relevância do assunto, 3 – Importante, 4 –Muito importante, 5 – Primordial.

Todas as (31) pessoas responderam a questão, sendo que respondeu que é importante, (02) duas responderam que é muito importante e (28) pessoas responderam que é primordial. É necessário pensar que dentro dessas respostas mesmo as pessoas em sua maioria não terem se considerado trans, elas ainda podem fazer parte de algum grupo “minoritário” que esteja inserido dentro das questões de gênero e sexualidade, podem ser homossexuais, bissexuais ou pansexuais e assim sentirem a necessidade primordial ver o assunto tratado dentro da universidade, mulheres também são incluídas em grupos “minoritários” e assim selecionaram a opção primordial devido a um possível sentimento de empatia.

Seguindo Maia (2015) as bibliotecas brasileiras com raras exceções reproduzem as relações de pecado da sociedade: não se deve pesquisar sobre sexo, sexualidade, masturbação, sexualidades, transsexualidades e etc. Seguindo essa visão é de extrema importância se abordar esta temática para a quebra de tabus dentro das unidades. Ao analisarmos os documentos internos que guardam a memória das atividades realizadas pela biblioteca<sup>17</sup>, foi possível perceber a inexistência de ações que tratam dessa temática, e a falta de produção de ações voltadas para temáticas inclusivas.

### **6.6 Formas de abordar a temática na biblioteca**

Sobre o modo que a biblioteca poderia trabalhar a temática, (28) pessoas apresentaram propostas treze (13) respostas direcionadas a construção do acervo, seis (06) direcionadas a ações que poderiam ser efetivadas na biblioteca e oito (08) tinham foco tanto no acervo quanto nas ações. As sugestões dadas foram:

Acervo.

- E1 -A medida que o acesso a diferentes fontes acerca do assunto se torne mais dinâmica e acessível.
- E2 -Disponibilizando conteúdos sobre o assunto, artigos e revistas sobre a temática isso pode trazer maior visibilidade.
- E3 –Aumentar o acervo de autoras mulheres, incluir o acervo de autores e autoras trans, e de autores e autoras negras, aumentar o acervo de bibliografia com temática de gênero sexualidades e raça.
- E4 –Com panfletos, colocando livros e materiais sobre o assunto em uma estante para dar destaque.

As respostas abordaram a falta de um acervo sobre gênero e sexualidades dando ênfase na necessidade de se disponibilizar assim como incentivar esta temática por meio da leitura, buscando não apenas livros, mas panfletos sobre gênero e sexualidades também, foi enfatizado a necessidade de se trabalhar com um acervo que tenha uma abordagem didática, mostrando que existe um grau de dificuldade na compreensão da temática por parte do grupo que respondeu o questionário, entretanto é visto em uma das respostas a compreensão da

---

<sup>17</sup> Documentos adquiridos a partir de estágio na unidade em 2016.

necessidade de o acervo trazer o sentimento de representatividade por parte das pessoas trans que estudam na universidade.

Em contra partida algumas questões, pressupõe quem já existe um acervo do tema dentro da unidade porém, o mesmo não é bem divulgado e disponibilizado, pois as respostas buscam espaços na biblioteca para esse material, assim como um acervo mais didático e inclusão de autores e autoras que sejam representantes das classes minoritárias, ou seja, escritoras e escritores, mulheres, negras (os) e trans, esta última resposta comprova que existiam dentro do grupo da pesquisa pessoas que fazem parte de outras “minorias” tais como as mulheres negras (os).

### Ações

- E1 –Campanhas rodas de conversa.
- E2 –Oferecer espaço para debates de gênero e sexualidades dentro da biblioteca, grupos de estudos voltados para a temática.
- E3 -Promovendo debates, exposições que tragam mais informação sobre o público.
- E4 –Primeiramente, não só a biblioteca, mas todo o local onde ela é inserida, deveria trabalhar com projetos educacionais contra pré-conceitos e homofobia. Trabalhar as diferenças entre sexualidades e gênero para que a comunidade aprenda a não hostilizar e daí em diante trabalhar com a ideia da importância de informação para “minorias”.

É perceptível a ligação que as respostas trazem com a informação e a cultura, dentro das respostas de ação, são vistas respostas que lembram o serviço que a biblioteca faz como exposições, entretanto o diferencial é o viés que as mesmas são tratadas. Outras opções dadas incluem debates dando visibilidade assim como campanhas, rodas de conversa e grupos de estudo. Esta pesquisa ação traz a primeira roda de conversa sobre o tema com o apoio da biblioteca, é notável devido a indicação sobre toda de conversa para se trabalhar a temática de gênero e sexualidades uma aprovação das (os) participantes pela abordagem da ação.

### Acervos e ações

- E1 –Através de livros sobre o assunto, programas, exposições e etc, que tratem da temática de modo inclusivo e predominantemente didático.

- E2 –Promovendo discussões, rodas de conversa, palestras dando o protagonismo para o público tanto para falar quanto para executar as ações, incluir no acervo matérias representativos sobre a temática, incluir no acervo autoras trans, promover feiras, sarais protagonizados por pessoas trans, divulgar nas redes sociais, canais formais da biblioteca e fontes de informação para o público trans.
- E3 –Colocando tais livros em destaque, desenvolver projetos com os visitantes, incentivar que os frequentadores leiam tais livros com a temática de gênero e sexualidade.
- E4 –Trazendo inicialmente informações e panfletos e trabalhar com a conscientização dos membros da biblioteca para que possam trabalhar com possíveis trabalhos sobre a temática.

Dentro desta perspectiva ação / acervo foi analisada a necessidade de um acervo didático e com a inclusão de autoras trans, assim como panfletos para conscientização, exposições fotográficas, uso de cartazes informativos, palestras, projetos com os visitantes, oficinas de escrita, feiras e sarais. E a construção de um catálogo (lista virtual) para a promoção de títulos e uma melhor exposição do acervo na unidade. É notada a ênfase na divulgação, seja na exposição ou na utilização de mídias, assim como a necessidade para a construção de um catálogo citado como lista para a otimização da localização dos materiais.

Treze (13) dos respondentes afirmaram que sua visão sobre a biblioteca é unicamente como um espaço de conhecimento voltado apenas para a informação estagnada ao acervo, entretanto esta visão está em constante evolução uma vez que (08) pessoas compreendem que o papel da biblioteca não termina no acervo e que existem vários tipos de ações que podem ser pensadas para se trabalhar gênero e sexualidades na biblioteca universitária.

## **6.7 Disseminação da temática na universidade**

Quando questionados sobre outras ações de disseminação da temática na universidade, 27 respondentes apontaram alguns caminhos. São eles:

- E1 –Educar os professores para que estes tragam informação em sala de aula e colaborem com o movimento.
- E2 - Presença de professores LGBTQ+, ações de combate a LBTfobia no espaço acadêmico e na sociedade com ações também voltadas ao público externo.

- E3 - Matérias obrigatórias sobre gênero e sexualidades na grade curricular.
- E4 - Núcleos livres que tratem a questão e desenvolvam a discussão a respeito do assunto bem como a formação de professores para que paradigmas e preconceitos possam ser desmistificados pelos mestres da sala de aula.
- E5 - Capacitação de funcionários (técnicos, terceirizados e professores) para discutir a temática no ambiente de trabalho, no caso d@s professor@s, capacitar para discutir de forma transversalizada a temática trans nas disciplinas. Ampliar as políticas afirmativas para o público trans.
- E6 - Intervenções em todos os institutos da UFG, tornando a interdisciplinar em âmbito acadêmico.

As respondentes acreditam que a melhor abordagem para se tratar do tema na universidade é a criação de disciplinas obrigatórias sobre gênero e sexualidade. Outra ação proposta foi trabalhar com os próprios professores de todos os cursos para que os mesmos pudessem trazer a temática para suas aulas e assim diminuir a LGBTfobia, assim como um maior número de professores LGBT no quadro da universidade. Segundo as (os) estudantes existe a necessidade de mais materiais como cartilhas, programas e ações como palestras, reuniões, ativismo político e rodas de conversa, foi utilizada a roda de conversa sobre gênero e sexualidades na biblioteca como exemplo, comprovando a satisfação dos presentes sobre a ação feita.

### **6.8 conclusão da análise de dados**

Esta análise foi feita buscando compreender primariamente a importância de se trabalhar gênero e sexualidades na biblioteca universitária, entretanto, conforme o trabalho foi sendo elaborado outros questionamentos foram surgindo como: essas pessoas sabem o que é gênero e sexualidades? Já foram em algum evento desta temática? E dentro destes questionamentos foram traçados tipos de pessoas que estavam na ação, como homens, mulheres, cisgênero, transgênero, e outros.

A universidade passava por um momento de turbulência quando se foi feito o trabalho logo, era esperado um número entre 10 a 20 estudantes no evento, entretanto foi surpreendente o número de pessoas na ação passar de 30, devido as (aos) estudantes estar em um ato de ocupação contra atitudes políticas, tal como foi inesperado o alto número de pessoas concordando que este tipo de trabalho (mesa

redonda sobre gênero e sexualidades) deveria ser estendido, tal como repetido, ou seja outras edições de mesa redonda na universidade.

É importante que a (o) profissional da informação abra seus olhos para este tipo de necessidade da sociedade e de suas (seus) usuárias (o), para assim, contemplar esta parcela de pessoas que luta e quer uma comunidade sem preconceitos, e exercer seus papéis trazendo informação para todos e todas.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A produção deste trabalho foi feita em conjunto com o estágio obrigatório na Universidade Federal de Goiás na biblioteca central da instituição. Tendo como proposta a construção de uma ação que representasse o público trans, uma vez que após análise das ações feitas na unidade não foram encontradas nos documentos internos da unidade ações nessa temática. Sendo assim o trabalho buscou responder com a pesquisa-ação a questão: A biblioteca pode ser um espaço para discussão de gênero e sexualidades?

Durante a construção da ação foram aplicados questionários para assim compreender pela visão das (os) participantes a importância de se trabalhar a temática de gênero e sexualidades no âmbito da biblioteca e da universidade. Após a análise de dados foi possível observar a relevância de abordar essa temática assim como a utilização da ação feita, dando opções de atividades a serem elaboradas na biblioteca, e na universidade, pois como visto através do questionário, questões de gênero e sexualidades não são discutidas de forma ampla dentro da universidade, dessa forma, se faz necessário que a instituição abra esse leque de opções dentro de suas grades curriculares com o objetivo de solucionar questões de transfobia, homofobia e preconceito no âmbito acadêmico, é importante trazer discussões para a universidade para que o público trans, presente na universidade sintam-se contemplado e representado e para que quando as (os) estudantes saírem da academia levem noções de respeito a todos e a todas, também para seu ambiente de trabalho. A construção da ação obteve alguns contratempos a modo que, quando se trabalha com ações culturais dentro de uma unidade pública a questão financeira para a produção de um evento são extremamente escassas. Nesta ação, foram utilizados recursos próprios para locomoção e a produção das fotos na exposição, assim como na impressão de material para a mesa redonda. Outra dificuldade foi na seleção de pessoas para falar durante o evento, pois existiu a necessidade de querer dar voz para o movimento, a modo que a temática era uma

roda de conversa sobre gênero e sexualidades, era imprescindível que a figura principal fosse uma pessoa que se identifica como travesti ou uma transexual atuante dentro do movimento assim como ter disponibilidade para a data da ação proposta.

O setor de comunicação da biblioteca não tinha experiência em trabalhos desta temática, revelando uma certa dificuldade em absorver a ideia da abordagem do evento, entretanto, logo compreenderam que a biblioteca é um espaço para ampliar as discussões de gênero e sexualidades, já que são questões que fazem parte da sociedade atual e do público acadêmico ao qual a biblioteca tem o dever de contemplar.

A realização deste trabalho nos possibilitou compreender o papel atual das bibliotecas universitárias e o desafio que é contemplar através de ações e práticas, a pluralidade do público que atende, trazendo questões que estão sendo discutidas em sala e que devem fazer parte do espaço da biblioteca. É relevante também compreender o papel da (o) profissional da informação por um viés social para a comunidade estudantil, uma profissional que busca exercer sua função em seu espaço de trabalho, de uma forma mais crítica e respeitosa lutando por uma sociedade mais igualitária e humana. Estudos dessa natureza são importantes para a diminuição do preconceito dentro da universidade visto que o mesmo se mostra presente, como aconteceu no extinto Inter UFG<sup>18</sup>, no qual saiu uma lista de pontuação para aqueles que se relacionassem com mulheres dentro e fora dos padrões, resumidamente aquele que beijasse uma travesti ou transexual perderia o “jogo”. Este tipo de situação precisa ser problematizada dentro da universidade, uma vez que este tipo de atitude é excludente e expõe as travestis e transexuais a uma situação de humilhação pública. A biblioteca não é mais um espaço de custódia, ela não deve apegar-se apenas a guarda do acervo precisa também abordar discussões de gênero e sexualidades, que devem ser refletidas nas ações como mudança e atualização do acervo, melhores práticas no serviço de atendimento ao usuário, ações de disseminação de informações importantes para este público a fim de diminuir o preconceito e acolher o público trans. A universidade tem o papel de formar profissionais / pesquisadoras (es) conscientes do seu papel

---

<sup>18</sup> Nota de repúdio da OAB ao Inter UFG. Disponível em: <  
<http://www.oabgo.org.br/oab/noticias/institucional/28-05-2016-nota-de-repudio-a-misoginia-e-ao-racismo-no-inter-ufg-2016/>> Acesso em: 04. Dez. 2016.

cidadão, com compromisso com a cidadania e o respeito à diversidade, neste contexto encontra-se a biblioteca que tem como função mediar a informação em seu acervo e em suas ações, possibilitando transformar informação em conhecimento e assim tratar temas considerados tabus influenciando na construção social daquelas (es) que frequentam a unidade.

## 8. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALCÂNTARA, Francisca Lunara Cunha. O papel da biblioteca universitária como mediadora no processo de ensino-aprendizagem nas bibliotecas universitárias na cidade de Juazero do norte-CE. In: EREBD N/NE - Encontro regional de estudantes de biblioteconomia e documentação, ciência e gestão da informação, 01.2012. **Anais...** Roraima, RO,2012. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/viewFile/2016/1288>> Acesso em: <20 Nov. 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4.ed. Difusão europeia do livro. 1970. Acesso em: 28. Dez. 2016. Disponível em: <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>.

CABRAL, Ana Maria Rezende. **Ação cultural**: possibilidades de atuação do bibliotecário. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 39-45. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais,1998, Belo Horizonte.

CENTA, Maria de Lourdes. **Reflexões sobre a evolução histórica da família**. Fam, Saúde e Desenv., Curitiba, v.1, n.1/2, p.15-20, jan./dez. 1999. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/refased/article/view/4878/3728>> Acesso em em: 26 Nov. 2016.

COELHO NETO, J.T. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1988.p. 12.

FAVERO, O, org. **Cultura popular e educação**; memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FONSECA, Rodrigues. A biblioteca e o bibliotecário do imaginário popular. In **Biblionline**, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 82-95, 2013. - *Apud* - ORTEGA Y GASSET, 2006.

FRAGOSO, Graça Maria. Casas de livros... Ou simplesmente bibliotecas. In: **Presença Pedagógica**. v.2 n°12 nov/dez 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel ; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo curso de graduação tecnológica – planejamento e gestão para o desenvolvimento rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 120 p.

IFLA. **Manifesto da IFLA**: UNESCO sobre bibliotecas 1994. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**: guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros para formadores de opinião. Brasília, DF, 2012. Disponível em: [https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_POPULA%C3%87%C3%83O\\_TRANS.pdf?1334065989](https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989) Acesso em: 12. Dez. 2016.

JORENTE, M. J. V.; SILVA, A. R.; PIMENTA, R. M. Cultura, memória e curadoria digital na plataforma sniic. In: **Liinc em revista**, v. 11, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/17246>>. Acesso em: 15 Jul 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidades: pedagogias contemporâneas. \_\_\_\_In: **Pró-posições**. v.19, n.2(56), maio/ago. 2008.

LOPES, Denilson. Desafio dos estudos gays, lésbicos e transgêneros, **Comunicação mídia e consumo**, 2004. vol 1, n°1. Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaconsumo/article/view/5217/4846>. Acesso em: 08. Jun. 2016.

MAIA, Marcos Felipe Gonçalves. Sexualidade e biblioteca escolar: censura ou liberdade?, 2015. Disponível em: < <http://www.deolhonaci.com/news/sexualidade-e-biblioteca-escolar-censura-ou-liberdade/>> Acesso em: 05 .Nov. 2016.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 2.ed. São Paulo: Ática, 1996. p. 324.

MEY, E. S. O. A. bibliotheca alexandrina the bibliotheca alexandrina p. 71-91. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 1, n. 2, 2004. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/15249>>. Acesso em: 23 Nov. 2016.

MENDONÇA, Ana Waleska P.C. A Universidade no Brasil. **Revista brasileira de educação**. n.14, maio-ago. 2000. p.131-150.

MORENO, Josyane; BASTOS Larissa. O estereótipo do bibliotecário no cinema. In: **Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação e Gestão de informação**. Disponível em: <file:///C:/Users/tentadomaslin/Downloads/2169-7052-1-PB.pdf> Acesso em: 20. Nov 2016.

MORIGI, Valdir José; SOUTO, Luzane Rusher. Entre o passado eo presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ACB:biblioteconomia em Santa Catarina**. v. 10, n. 2. 2005. Acesso em: 16. Nov, 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/551>.

Nações Unidas do Brasil. **Violência contra pessoas Transé ‘extremamente alta’ nas Américas, apontam ONU e parceiros**. Acesso em: 18. Jul, 2016. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/violencia-contra-pessoas-trans-e-extremamente-altas-americas-apontam-onu-e-parceiros/>>.

NUNES, Martha Suzane Cabral; CARVALHO, Kátia de. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. *Perspect. ciênc. inf.* vol. 21. n° 1, Jan/Març. Belo Horizonte: 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-99362016000100173&lang=pt#B27](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362016000100173&lang=pt#B27) Acesso em: 09. Jun. 2016.

PASSOS, Maria Raquel Araújo dos; VIEIRA, Sarah Gomides; GOMES, Elisângela. Gênero e sexualidade não é “bagunça”: fontes de informação para pessoas transgêneras, intersexuais, transexuais e travestis (TITTI’s) na Universidade Federal de Goiás (UFG). In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 39., 2016, Salvador. **Anais...** Salvador: ENEBD, 2016, p. 01-15.

PIRES, Erik André de Nazaré. O bibliotecário como agente transformador social : sua importância para o desenvolvimento da sociedade informacional através da disseminação da informação. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDADES DE

BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2012, Salvador. **Anais ...** Salvador: EREBD, 2012, p. 01-15. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/viewFile/2202/1410>  
Acesso em: 26. Jan. 2017.

RANGANATHAN, S.R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília, DF: Brinquet de Lemos, 2009.

SANTOS, Cristian. Biblioteca da diversidade. In: **Revista Brasileira de biblioteconomia e documentação**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 211-214, jun./dez. 2015. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/563/463> Acesso em: 24. Jan. 2017.

SANTOS, Marivaldina Bulcão dos. Biblioteca Universitária: acesso à informação e conhecimento. **Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias**, Gramado, ano 12. p. 4. Disponível em: <http://www.snbu2012.com.br/anais/pdf/4QHV.pdf>. Acesso em: 31. mai. 2016.

SANTOS, Josiel Machado. Bibliotecas no Brasil: um olhar histórico. In: **Revista brasileira de biblioteconomia e documentação**, São Paulo: Nova série, v.6, n°. 1.p 50-61, Jan/Jun. 2010. Disponível em:<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000010906/064f00f2e71111e5b63c06d6091f3046> Acesso em: 10. Jun. 2016.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como lugar de práticas culturais**: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil. Minas Gerais, 2007.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. O bibliotecário como agente histórico: do “humanista” ao “moderno profissional da informação”. In: **Inf.&Soc.:Est.**, João Pessoa, v.18, n° 3,p. 38-94, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1873/2275> Acesso em: 13. Jun. 2016.

TARAPANOFF, Kira. **A Biblioteca Universitária vista como uma organização social**. Brasília, DF: ABDF, 1982.

TRIP, David. Pesquisa ação uma introdução metodológica. In: **Educação e pesquisa**, São Paulo, V. 31, n. 3, p. 443-446, set/dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>> Acesso em: 16. Nov. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Faculdade de Ciências Sociais. Ser-Tão: Núcleo de estudos e pesquisas em gênero e sexualidade. Disponível em: <<https://www.sertao.ufg.br/>> Acesso em: 26. Nov. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Sistema de Bibliotecas: biblioteca Colemar e Silva. Disponível em: < <https://www.bc.ufg.br/>> Acesso em: 26. Nov. 2016.

## 9. APÊNDICE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INSTRUMENTO DE COLETA
<p><b>“Identificar o perfil do público da ação”</b></p>	<p>Questões:</p> <p>1- Você é trans?(travesti, transexual e intersexual)</p> <p>2- Você é alunx da UFG?</p>
<p><b>“Compreender se os estudantes da UFG tem conhecimento sobre gênero e sexualidade”</b></p>	<p>Questões</p> <p>3- Você sabe o que é gênero e sexualidade?</p> <p>8- (Você sabia que x profissional bibliotecário é responsável por organizar e disponibilizar informações para qualquer público, também é responsável por fazer ações de inclusão nas bibliotecas além de fazer a seleção de obras que serão acessadas?) Dentro dessa perspectiva, Para você, falar de gênero e sexualidades é um papel d@ bibliotecári@?</p>
<p><b>“Verificar a importância de se discutir gênero e sexualidades na UFG”</b></p>	<p>Questões</p> <p>4- Você considera importante tratar de gênero e sexualidades na biblioteca?</p> <p>5- De que modo a biblioteca poderia trabalhar a temática de gênero e sexualidades?</p> <p>6- De zero a cinco qual é a importância de se trabalhar eventos como este no ensino superior?</p> <p>9- Quais outros tipo de ação você acha que contemplariam a temática na universidade?</p>
<p><b>“Descobrir se houve ou não ações de gênero e sexualidades na UFG”</b></p>	<p>Questão</p> <p>7- Você já foi em algum evento sobre gênero e sexualidade: trans na UFG?</p>

